



Representação, pensamento e educação na Suma teológica de Tomás de Aquino: o processo de conhecimento intelectual das coisas materiais

Rafael Henrique Santin¹
Gisele Angelina Bassani²

Resumo: O tema deste artigo, inscrito no campo da História da Educação, é o conhecimento intelectual das coisas materiais na Suma Teológica de Tomás de Aquino e os desdobramentos dessa discussão para a educação. O objetivo principal é analisar o modo como o teólogo dominicano entende o processo pelo qual a alma humana conhece as coisas materiais, inferiores e a si mesma na hierarquia dos seres criados. O problema que motivou nossa pesquisa é a importância dessas reflexões na proposta tomasiana para a formação de educadores no Ocidente medieval do século XIII. As fontes para o desenvolvimento deste estudo são as Questões 84, 85 e 86 da Primeira Parte da Suma Teológica, que debatem justamente o processo de conhecimento das coisas materiais. Esses textos fazem parte de um tratado da Suma que aborda o homem, no qual o autor desenvolve reflexões sobre o ato de pensar. Em síntese, a alma do homem é capaz de conhecer diversas dimensões do real: o que é inferior a ela, as suas próprias características e o que é superior a ela, sendo que o conhecimento das coisas materiais se

dá necessariamente por representação e tendo os sentidos como ponto de partida. As Questões supracitadas apresentam fundamentos centrais da Filosofia da Educação tomasiana e podem, a nosso ver, ensinar lições importantes para os professores do século XXI, das quais se destacam os riscos, para educadores e educandos, de se conceber a educação como um processo mecanizado e destituído de humanidade.

Palavras-chave: Educação; Representação; Tomás de Aquino; Suma Teológica; Alma.

Abstract: The theme of this article, in the field of History of Education, is the intellectual knowledge of material things in the Summa Theologiae of Thomas Aquinas and the consequences of this discussion for education. The main objective is to analyze how the Dominican theologian understands the process by which the human soul knows the material things, which are below the human soul in the hierarchy of beings. The problem that motivated this research is the

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Professor do Instituto Federal do Paraná (IFPR) – Campus Campo Largo.

<http://lattes.cnpq.br/6832826542406017>

<https://orcid.org/0000-0002-8520-4592>

E-mail: rafael.h.santin@gmail.com

² Mestranda em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista CAPES.

<http://lattes.cnpq.br/1993453084296773>

<https://orcid.org/0000-0002-8903-4965>

E-mail: gisele.angelina90@gmail.com





importance of these reflections in the Thomasian proposal for the formation of educators in the medieval West of the 13th century. The sources for the development of this study are Questions 84, 85 and 86 of the First Part of the Summa Theologiae, which precisely debate the process of knowledge of material things. These texts are part of a Summa's treatise about man, in which the author develops reflections on the act of thinking. Summarily, man's soul can know different dimensions of reality: what is inferior to it, its own characteristics and what is superior to it, and knowledge of material

things is necessarily given by representation and having the senses as a starting point. The Questions 84, 85 and 86 present central foundations of Thomas Aquinas' Philosophy of Education and can, in our view, teach important lessons for 21st century teachers, from which the risks for educators and students of conceiving are highlighted. education as a mechanized process devoid of humanity.

Keywords: Education; Representation; Thomas Aquinas; Summa Theologica; Soul.

Introdução

Este artigo discorre sobre a compreensão de Tomás de Aquino, importante mestre universitário e teólogo italiano do século XIII, acerca do processo de conhecimento intelectual da realidade material, que reúne as coisas consideradas por ele como inferiores à alma na ordem ontológica. O objetivo principal é analisar como o mestre de Aquino compreendia uma parte da formação humana, que se completava com a apreensão do real³ e de acordo com uma determinada hierarquia dos seres: os seres humanos seriam capazes de apreender, além de informações a respeito da própria alma, a forma⁴ de seres superiores e inferiores a si mesmos. Este texto destaca o que o teólogo dominicano entendia a respeito do conhecimento de coisas inferiores à alma humana, o que compreende os seres materiais. Esse estudo traz ao debate aspectos centrais da teoria tomasiana do conhecimento, com desdobramentos para sua compreensão da educação, do ensino e da aprendizagem, e que podem contribuir para enriquecer a discussão educacional contemporânea.

O estudo que ora apresentamos é importante, em nossa perspectiva, porque as reflexões desenvolvidas aqui trazem para o debate a obra de um intelectual de um tempo diferente do nosso sobre um tema que continua a preocupar os intelectuais de hoje, que é o processo de conhecimento. As afirmações e teses defendidas por Tomás de Aquino

³ Entendemos que o termo “real”, na filosofia tomasiana, designa toda a criação de Deus e Ele próprio. Esse “real” é o que pode ser conhecido pelo homem, ainda que ele não possa apreender sua totalidade em função de suas limitações e potencialidades.

⁴ As concepções de Tomás de Aquino sobre o processo de conhecimento se apoiam na teoria aristotélica sobre a alma, em particular a teoria da abstração. A apreensão das formas das coisas existentes ocorre por meio das espécies sensíveis e inteligíveis e das representações, também conhecidas como “fantasmas”. As espécies e os fantasmas são a etapa inicial, por assim dizer, do conhecimento, pois são obtidos a partir das potências sensitivas, localizadas na complexa engenharia da alma humana, que é formada por um conjunto de potências que abrangem desde as funções primordiais, como nutrição, crescimento e geração, até as funções mais elaboradas, como a abstração (cf. TOMÁS DE AQUINO, 2015: 419-434).





devem e serão tratadas nesse texto como datadas historicamente, pois entendemos que seus escritos são resultados de seu esforço para responder a demandas de sua época. Em que pese a necessidade de tratarmos a obra do mestre de Aquino como vestígios do passado, reconhecemos e concordamos com a premissa de que a pesquisa histórica deve se mover não para descrever o passado ou invocá-lo como protótipo para o presente e o futuro, mas para que possamos aprender com as experiências dos homens e mulheres de outrora – ao menos para que não repitamos os erros cometidos. A educação, como fenômeno social complexo e multifacetado, exige da pesquisa científica uma abertura para diferentes leituras, inclusive aquelas oriundas da História da Educação, a fim de que o objeto de análise seja visto pelo maior número de ângulos possível. Assim, ao tratar das ideias tomasianas sobre o processo de conhecimento na perspectiva da História da Educação, aproveitamos a oportunidade para problematizar o presente à luz da experiência do passado. Com isso, espera-se, como nos ensina Bloch (2001), tirar proveito da História, isto é, promover a lembrança de lições a serem preservadas e de erros a serem evitados.

A razão para o estudo apresentada acima reflete nossa posição teórico-metodológica, orientada pelos pressupostos da Escola dos *Annales*, particularmente as contribuições de Lucien Febvre (1985), Marc Bloch (2001) e Fernand Braudel (2014). De acordo com esses teóricos, o trabalho do historiador encontra sentido quando ele se volta para a História a partir dos problemas de seu presente, procurando explicações essenciais sobre as ações humanas no tempo por meio dos vestígios deixados por aqueles que viveram numa época diferente da nossa. Desse modo, é porque nos preocupamos com a formação do educador no Brasil do século XXI que nos voltamos para a experiência de Tomás de Aquino na cristandade ocidental do século XIII. Que espécie de provocações as obras tomasianas suscitam para os homens do presente, com potencial para fazê-los repensar suas próprias práticas? Essa é, a nosso ver, uma pergunta essencial e que nos orienta na análise das fontes.

Outro aspecto teórico-metodológico de nosso artigo e que merece atenção é o fato de optarmos por tratar de um texto clássico. Assim, seguimos o exemplo de outros estudiosos da História e da Filosofia da Educação Medievais, como Terezinha Oliveira, que trata da importância da leitura de textos tomasianos na formação docente em artigo publicado em 2009. Nesse texto, a autora argumenta que um dos elementos presentes na obra de Tomás de Aquino e que pode contribuir para a formação de professores no século XXI é o fato de o teólogo dominicano ressaltar o processo de formação da pessoa como ser integral (OLIVEIRA, 2009). Não raro, nos esquecemos que nós, professores,





ensinamos um determinado conteúdo a uma determinada pessoa, que vive e convive num contexto social, que tem intelecto e vontade, e que precisa aprender sobre si e sobre o mundo – inclusive para ter consciência de que vive e convive num contexto social e que tem intelecto e vontade próprias. Assim, privilegiar abordagens teóricas, metodológicas e didáticas que relativizam a importância da pessoa e de seus atributos psicointelectuais no ensino e na aprendizagem pode ser deletério, pois elas objetificam os sujeitos da educação e impedem uma prática pedagógica que coloque no centro do processo educativo justamente os atributos que os tornam capazes de ensinar e aprender.

Ainda sobre essa problemática acerca dos clássicos, do que e como podemos aprender com eles, vale lembrar a relevância de Tomás de Aquino e de sua obra para a época em que ele viveu. Com efeito, historiadores e filósofos da Filosofia (cf. LIBERA, 1990; GILSON, 1995; OLIVEIRA, 2005; BOEHNER & GILSON, 2007; LE GOFF, 2010) concordam que o trabalho do mestre dominicano foi essencial para o desenvolvimento da Escolástica como filosofia e como método da Universidade medieval, sendo considerado, por um lado, um dos principais promotores da conciliação da Razão com a Fé, da Filosofia com a Teologia; por outro, um professor rigoroso e didático, que conduzia a *lectio* e a *disputatio*, as duas instâncias principais do método escolástico, com diligência. A *Suma Teológica* é exemplar dessas características e um demonstrativo da condição de ‘clássico’ de seu autor, que se empenhou em discutir as problemáticas de sua época e fornecer aos seus contemporâneos respostas que transcendem, como lições da História, seu tempo-espaço.

As fontes selecionadas para a análise que propomos são as Questões 84, 85 e 86 da Primeira Parte da **Suma Teológica**. A **Suma Teológica** foi escrita por Tomás de Aquino entre os anos de 1265 e 1274 e defendemos que, além de uma obra de caráter teológico, ela se caracteriza como uma obra didático-pedagógica. Com efeito, no Prólogo da **Suma**, o próprio autor afirma que procurou reunir os assuntos da Teologia de maneira que pudessem ser bem aprendidos pelos seus estudantes, que careciam de um livro suficientemente didático para os estudos da Teologia. A motivação da obra, portanto, é pedagógica e o público-alvo são os estudantes de Teologia que, um dia, se tornariam educadores, seja como mestres da Universidade, seja como pregadores da Ordem Dominicana. A obra está dividida em três Partes, sendo a Segunda Parte subdividida em duas Seções. Cada uma dessas três partes está organizada em Tratados, que determinam





unidades temáticas. Nos Tratados, os assuntos são discutidos na forma de Questões, tendo como modelo a prática da *disputatio*⁵.

As Questões 84, 85 e 86 estão inseridas no Tratado sobre o Homem e se alinham com um conjunto de Questões que abordam o pensamento humano (q. 84-89)⁶. Esse conjunto do qual fazem parte essas Questões aborda os seguintes problemas: 1) como é possível que a alma conheça alguma coisa (q. 84)?; 2) qual é o itinerário do pensamento, isto é, quais os processos e procedimentos inerentes ao ato de pensar (q. 85)?; 3) como a alma conhece as coisas materiais (q. 86), a si mesma (q. 87) e as coisas superiores a ela (q. 88)?; 4) enfim, no caso da alma separada do corpo, como se pode conhecer alguma coisa nessas condições (q. 89)? Como podemos observar, nesse grupo de Questões o teólogo dominicano discorre sobre a complexidade do pensamento humano.

Com o nosso estudo, esperamos contribuir para o debate acerca da educação. A realidade brasileira tem demonstrado a importância de discutirmos a educação com a seriedade que o tema exige, buscando nos mais diversos campos de saber elementos que nos permitam pensar sobre os problemas de nossa época com lucidez e equilíbrio, sempre apoiados na ética e no rigor científico.

Como a alma conhece as coisas materiais, segundo Tomás de Aquino

A Questão 84, intitulada **Como a alma, unida ao corpo, conhece as coisas corporais que lhe são inferiores?**, investiga os meios pelos quais a alma humana conhece as coisas corporais inferiores a ela na hierarquia dos seres criados. Ela trata da primeira das três partes do estudo de Tomás de Aquino sobre o conhecimento intelectual das coisas materiais. A segunda parte desse estudo, apresentado na Questão 85, intitulada

⁵ Na *disputatio*, principal atividade pedagógica do método escolástico, o mestre apresentava uma questão, na forma de um problema, uma pergunta a ser respondida, e uma possível resposta na forma de hipótese. Em seguida, os presentes apresentavam objeções com o fito de corroborar a hipótese inicial. Depois, apresentavam-se argumentos contrários à hipótese inicial. No final, o mestre que conduzia a prática formulava uma conclusão do debate, apresentando sua resposta à questão e a cada uma das objeções apresentadas. O primeiro desafio para qualquer leitor da **Suma Teológica** é compreender o formato do texto, até para não tomar como algo do autor uma afirmação que, na verdade, é de seus interlocutores e que pode, dependendo do caso, ser contrária às teses tomasianas. Vale lembrar que a *disputatio* ocorria após as atividades de *lectio*, isto é, de leitura e comentário dos textos das *auctoritates* em cada uma das disciplinas. Para aprofundamento a respeito do método escolástico, consultar Nunes (2018: 253-294).

⁶ A versão da **Suma** que utilizamos é a 4ª edição publicada pela Editora Loyola em 2015, que apresenta a tradução do original latino da *Editio Leonina*, cuja reprodução foi feita pela Edição Marietti, de Turim. Essas Questões que analisamos estão no Volume II dessa edição. Uma peculiaridade dessa edição é que ela é bilíngue, trazendo o texto em português ao lado do texto latino, o que permite verificar a tradução sempre que o exercício de análise das fontes exige.





O modo e a ordem de conhecer, trata de como se processa o conhecimento das coisas materiais e em que ordem ele acontece. A terceira parte, contida na Questão 86, intitulada **O que nosso intelecto conhece nas realidades materiais**, aborda o que, exatamente, a alma humana conhece dessas coisas materiais.

Um detalhe importante a ser ressaltado é que as reflexões de Tomás de Aquino presentes nas Questões 84, 85 e 86 da Primeira Parte da **Suma Teológica** tratam apenas do conhecimento intelectual das coisas materiais. O ato de conhecer tem um estágio anterior ao apresentado aqui, desenvolvendo-se a partir dos sentidos corporais numa complexa arquitetura gnosiológica cujos detalhes exigem a leitura de outras partes da *Suma Teológica* – em especial, as Questões 75 a 83 da Primeira Parte – e de outros textos tomasianos, como as *Questões Disputadas Sobre a Alma e A Unidade do Intelecto Contra os Averroístas*. Nessa seção, analisaremos a Questão 84⁷, que está organizada em 8 artigos que discutem os seguintes problemas: 1) a alma conhece os corpos pelo intelecto?; 2) a alma conhece as coisas corporais por sua essência?; 3) a alma conhece todas as coisas por meio de espécies naturalmente inatas?; 4) as espécies inteligíveis chegam à alma a partir de algumas formas separadas?; 5) a alma intelectual conhece as coisas materiais nas razões eternas?; 6) o conhecimento intelectual é adquirido a partir das coisas sensíveis?; 7) o intelecto pode conhecer em ato pelas espécies que possui em si, não se voltando para as representações imaginárias?; e 8) o juízo do intelecto é impedido pelo impedimento do sentido?

No primeiro Artigo, Tomás de Aquino analisa as posições dos filósofos pré-socráticos e de Platão sobre como a alma conhece as coisas materiais. Primeiro, o autor apresenta a posição dos ‘primeiros filósofos’, isto é, os filósofos pré-socráticos. Segundo ele, os pré-socráticos não distinguem o conhecimento intelectual do conhecimento sensitivo, pois para esses pensadores toda a existência era corporal e estava em constante movimento, de modo que não se poderia ter certeza acerca da verdade das coisas. O conhecimento intelectual da verdade não seria, portanto, um problema na perspectiva pré-socrática.

Depois, Tomás de Aquino sintetiza a posição de Platão, para o qual o homem poderia ter certeza sobre a verdade das coisas por meio do que chamava de ‘espécie’ (*species*) ou ‘ideias’ (*ideas*), entes que estariam separados da matéria e não suscetíveis ao

⁷ Para as finalidades deste artigo, não analisamos de maneira pormenorizada todos os Artigos da Questão 84. Aliás, isso também ocorre com as Questões 85 e 86. Destacaremos os aspectos que consideramos mais relevantes para a discussão proposta no artigo.





movimento⁸. Diante disso, o conhecimento da verdade dar-se-ia pelo esforço do intelecto em se aproximar dessas espécies ou ideias separadas. Segundo o teólogo, a posição de Platão seria falsa. As críticas dele à opinião de Platão incidem, principalmente, na impossibilidade de que a espécie conhecida pelo intelecto seja a mesma que dá forma à matéria:

Parece que neste ponto Platão se afastou da verdade, porque julgando que todo conhecimento se alcança por meio de certas semelhanças, ele acreditou que a forma do que é conhecido estaria necessariamente no sujeito que conhece do mesmo modo que está no que é conhecido. (TOMÁS DE AQUINO, 2015: 499).

Tomás de Aquino sustenta que as formas das coisas exteriores existem nelas de um modo diferente em relação à sua existência ou presença na alma. O que apreenderíamos com o intelecto não seriam as formas das coisas em si, mas uma informação delas – o que o teólogo dominicano chama de “espécie inteligível”⁹ –, como podemos verificar na conclusão da Questão 84 e na resposta à primeira objeção:

Mas isso não é necessário. Mesmo nas coisas sensíveis vemos que a forma existe sob um modo diferente em uma ou em outra coisa. Por exemplo, quando a brancura é mais intensa nessa e mais fraca naquela, ou quando a brancura se encontra aqui com o doce e ali sem ele. Assim, a forma sensível existe sob um modo na coisa que é exterior à alma e sob outro nos sentidos que recebem as formas das coisas sensíveis sem a matéria, como a cor do ouro sem o ouro. Igualmente o intelecto recebe as imagens dos corpos materiais e mutáveis sob um modo imaterial e imutável, à sua maneira, pois, o que é recebido está naquele que recebe segundo o modo de quem recebe. – Deve-se dizer, portanto, que a alma conhece os corpos por meio do intelecto, por um conhecimento imaterial, universal e necessário. (TOMÁS DE AQUINO, 2015: 499-500, grifo nosso).

O intelecto conhece os corpos entendendo-os, não por meio de outros corpos, nem por representações materiais e corpóreas, mas por meio das imagens imateriais e inteligíveis que por sua essência podem estar na alma. (TOMÁS DE AQUINO, 2015: 500).

No segundo artigo, no qual se questiona se a alma conhece as coisas corporais por sua essência, a tese tomasiana se contrapõe, particularmente, à posição dos filósofos pré-

⁸ A escolha por analisar as ideias platônicas não é fortuita. As teorias de base platônica circulavam com intensidade entre os intelectuais da época de Tomás de Aquino, em especial por influência de Agostinho de Hipona, um dos principais autores lidos pelos estudantes e mestres de Teologia nas instituições educativas do século XIII.

⁹ Para aprofundar esse debate, além da leitura Questões 79 da Primeira Parte da *Suma Teológica*, recomendamos o artigo **La especie cognitiva en Tomás de Aquino**, de Juan José Sanguinetti (2011).





socráticos. Segundo Tomás de Aquino, os ‘antigos filósofos’ asseveravam que a alma conhecia os corpos por sua essência, uma vez que a alma guardava semelhanças com os corpos – ambos tinham a mesma natureza, isto é, eram constituídas de matéria organizada de maneiras distintas: “Assim, para atribuir à alma o conhecimento de todas as coisas, afirmaram que ela possuía uma natureza comum a todas as outras” (TOMÁS DE AQUINO, 2015: 501) e, ainda, “[...] ao afirmarem que coisas estava materialmente na alma, afirmavam que todo conhecimento da alma era material, não distinguindo entre o intelecto e os sentidos” (TOMÁS DE AQUINO, 2015: 502). A crítica do mestre de Aquino às afirmações dos pré-socráticos incide sobre dois aspectos. Primeiro, o conhecimento só pode estar primitivamente presente no sujeito cognoscente em potência. Segundo, se para conhecer é preciso que a coisa conhecida esteja, materialmente, na alma de quem conhece, pode-se supor que as coisas desprovidas de alma, de certo modo, conhecem a si mesmas. O autor, ao concluir que o exposto pelos pré-socráticos seria impossível, afirma que as coisas materiais são conhecidas e existem em quem conhece de maneira imaterial. Isso ocorre porque, segundo ele: a) o ato de conhecer se aplica, também, sobre o que é exterior ao sujeito cognoscente; e b) o conhecimento intelectual das coisas materiais não se restringe à matéria, princípio de individualização¹⁰, tendendo à apreensão da forma substancial no modo de espécie cognitiva pelo processo de abstração¹¹.

No terceiro Artigo, Tomás de Aquino volta a questionar a teoria platônica, criticando a defesa de Platão sobre a existência, na alma, de um conhecimento inato das espécies. Segundo o autor, “[...] Platão afirmou que o intelecto humano está naturalmente cheio de todas as espécies inteligíveis, mas que a união com o corpo o impedia de poder passar ao ato” (TOMÁS DE AQUINO, 2015: 505).

De acordo com a argumentação do teólogo dominicano, a tese de Platão é questionável, em primeiro lugar, porque não é razoável supor que a alma, tendo em si, naturalmente, o conhecimento das espécies inteligíveis, se esqueceria desse saber. Em segundo lugar, se a alma tivesse o conhecimento das espécies inteligíveis, uma pessoa que fosse privada desde sempre de determinado sentido teria o conhecimento da espécie correspondente ao ato desse sentido, como, por exemplo, uma pessoa cega desde que

¹⁰ Daí o motivo de Tomás de Aquino afirmar, na conclusão do Artigo 2, que “[...] a razão do conhecimento se contrapõe à razão da materialidade” (TOMÁS DE AQUINO, 2015: 502).

¹¹ Para aprofundamento na teoria da abstração de Tomás de Aquino, sugerimos a leitura do artigo *La abstracción em Tomás de Aquino: una vía más allá de la epistemología tomista*, de Emiliano J. Cuccia e Ceferino Muñoz (2018).





nasceu teria o conhecimento das cores – o que, nas palavras de Tomás de Aquino, parece absurdo¹².

A conclusão do autor, portanto, é que o intelecto não conhece a realidade por intermédio de espécies naturalmente inatas. Para prová-lo, o mestre de Aquino recorre à teoria aristotélica.

RESPONDO. Sendo a forma o princípio da ação, uma coisa deve ter a mesma relação com a forma que é o princípio da ação e com a ação. Por exemplo, se o movimento para o alto depende da leveza, é preciso que a coisa que só está em potência para se elevar seja leve apenas em potência, e aquela que está em ato de elevar-se seja leve em ato. Ora, vemos que às vezes o homem está apenas em potência para conhecer, tanto pelos sentidos como pelo intelecto, e que dessa potência passa ao ato, para sentir pela ação das qualidades sensíveis sobre o sentido, ou para conhecer pelo ensino e pela descoberta. Deve-se, pois, dizer que a alma está em potência para conhecer tanto com relação às semelhanças que são princípios da sensação, quanto às semelhanças que são princípios do conhecimento. Por isso, Aristóteles afirmou que o intelecto pelo qual a alma conhece não tem espécies naturalmente inatas, mas na origem está em potência para todas as espécies. (TOMÁS DE AQUINO, 2015: 505, grifo nosso).

No Artigo 4, em que se questiona se as espécies inteligíveis chegam à alma a partir de algumas formas separadas, Tomás de Aquino traz para o debate, além de Platão, outro filósofo que exercia certa influência nas Universidades do século XIII, o médico persa Avicena, que, ao lado de Averróis, defendia a tese do intelecto único – contra a qual o teólogo dominicano dedicou um tratado, **A Unidade do Intelecto Contra os Averroístas**. Sobre Platão, Tomás de Aquino evidencia que, para o pensador grego, as formas subsistiam por si sem matéria e que essas formas seriam participadas, ao mesmo tempo, pela alma que conhece e pela matéria corporal conhecida. Assim, nós conheceríamos as coisas materiais porque participaríamos da mesma forma substancial: em nós, a participação dar-se-ia para o conhecimento; na coisa conhecida, a participação dar-se-ia para a existência. Sobre Avicena, Tomás de Aquino ressalta que, para o médico persa, ao contrário do que dizia Platão, as espécies inteligíveis não subsistem sem matéria, mas elas preexistiriam imaterialmente no que chamava de ‘primeiro intelecto’. Essas espécies inteligíveis seriam partilhadas entre os intelectos inferiores até chegar no último intelecto separado, denominado ‘intelecto agente’. Assim, nosso intelecto teria acesso às espécies inteligíveis porque participaria do intelecto agente separado. Portanto, de acordo

¹² Vale lembrar – e nós discutiremos isso mais a frente – que, para Tomás de Aquino, as espécies inteligíveis das coisas materiais só podem ser acessadas pelo intelecto humano a partir das representações imaginárias, que são formadas a partir da apreensão das espécies sensitivas pelos sentidos internos.





com o autor, Avicena concorda com Platão por “[...] admitir que as espécies inteligíveis de nosso intelecto derivam de algumas formas separadas” (TOMÁS DE AQUINO, 2015: 508), ainda que discorde dele no que diz respeito à existência dessas espécies de maneira independente da matéria. Na perspectiva tomasiana, as teses de Platão e de Avicena estão em contradição com a realidade, notadamente em relação à união substancial da alma com o corpo, e, assim, colocam em suspeição o princípio fundamental da existência humana.

Para se contrapor às teses pré-socrática, platônica e aviceniana, segundo as quais o conhecimento intelectual independeria da experiência sensível, Tomás de Aquino recorre novamente à Aristóteles que, de acordo com ele, teria adotado uma via intermediária. Conforme a resposta do autor à questão do Artigo 6, sobre se o conhecimento intelectual é adquirido a partir das coisas sensíveis, não poderíamos conhecer a realidade sem a empiria permitida pelos sentidos. Por outro lado, sem o intelecto, cuja atividade própria independe da materialidade, a realidade é incompreensível, uma vez que ela só pode ser significada por meio do que poderíamos chamar de “operadores”, que são as espécies, os fantasmas, os signos, os conceitos entre outros.

Com efeito, nenhuma coisa corpórea pode agir sobre uma incorpórea. Por isso, para causar um ato do intelecto, segundo Aristóteles, não basta só e unicamente a impressão dos corpos sensíveis, é preciso algo mais elevado, pois *o agente é mais nobre que o paciente*. Entretanto, não no sentido de que o ato intelectual seja causado em nós somente pela impressão de algumas coisas superiores, conforme afirmava Platão. Mas esse agente, superior e mais elevado, a que Aristóteles chama intelecto agente e do qual já falamos, torna as representações imaginárias recebidas pelos sentidos em inteligíveis em ato, por modo de abstração.

Portanto, segundo o que está sendo dito, no que concerne às representações imaginárias, a operação intelectual é causada pelo sentido. Entretanto, as representações imaginárias são incapazes de modificar o intelecto possível, mas devem se tornar inteligíveis em ato pelo intelecto agente. Em consequência, não se pode dizer que o conhecimento sensível seja a causa total e perfeita do conhecimento intelectual, mas antes que é a matéria da causa. (TOMÁS DE AQUINO, 2015: 514-515).

A análise tomasiana sobre a relação entre o material e o imaterial no conhecimento intelectual continua no Artigo 7, que questiona se o intelecto pode conhecer as espécies que possui em si sem recorrer às representações imaginárias, que são geradas pela





imaginação, um dos quatro sentidos internos da alma¹³. A resposta de Tomás de Aquino para o problema do Artigo 7 aparece já no início de sua resposta: “RESPONDO. Nosso intelecto, segundo o estado da vida presente, unido a um corpo corruptível, nada pode conhecer a não ser voltando-se para as representações imaginárias” (TOMÁS DE AQUINO, 2015: 517). Isso acontece, segundo o autor, por causa de duas características do intelecto: a) ainda que o ato do intelecto independa de qualquer órgão corporal, ele exige o ato de uma potência que se utiliza de um órgão corporal, no caso, as potências da parte sensitiva (sentido comum, imaginação, pensamento concreto e memória); e b) o sujeito cognoscente pode buscar em si mesmo representações imaginárias formadas anteriormente, empregando-as como exemplos com vistas à compreensão. Em função disso, até quando buscamos em nós mesmos os elementos para entender algo novo, empregamos representações imaginárias já elaboradas que podem, por similaridade, nos levar ao esclarecimento. O conhecimento intelectual, portanto, é sempre fruto de representações imaginárias – e essa é um dos elementos fundantes da Filosofia da Educação de Tomás de Aquino que procuramos evidenciar.

O modo e a ordem de conhecer as coisas materiais, segundo Tomás de Aquino

A Questão 85 da Primeira Parte da **Suma Teológica** está dividida em 8 Artigos. No primeiro, questiona-se se o intelecto humano conhece as coisas corpóreas e materiais a partir da abstração das espécies inteligíveis das representações imaginárias. No segundo, o problema é se as espécies inteligíveis, produtos da abstração, figuram no intelecto como o que é conhecido ou como aquilo por meio do que conhecemos. No terceiro, pergunta-se se aquilo que é mais universal é anterior na ordem do conhecimento. No quarto, procura-se estabelecer se o intelecto pode conhecer muitas coisas ao mesmo tempo. No quinto, investiga-se se o intelecto conhece por composição e divisão. No sexto, indaga-se se o intelecto pode errar. No sétimo, pergunta-se se alguém pode conhecer alguma coisa melhor do que outrem. No oitavo, enfim, questiona-se se o intelecto conhece o indivisível antes do divisível. Para este estudo, consideraremos os seis primeiros Artigos, em função dos objetivos propostos.

Na resposta à pergunta do primeiro Artigo, Tomás de Aquino explica a situação do intelecto humano em relação aos graus da potência cognoscitiva. Ele identifica a

¹³ Para aprofundamento acerca das potências sensitivas da alma, dentre as quais estão os sentidos internos, ler o Artigo 4 da Questão 78 da Primeira Parte da *Suma Teológica* (TOMÁS DE AQUINO, 2015: 430-434) e a Questão 13 das *Questões Disputadas Sobre a Alma* (TOMÁS DE AQUINO, 2012: 262-283).





potência cognoscitiva cujo ato depende de um órgão corporal (o sentido), a potência cognoscitiva que independe por completo de um órgão corporal (o intelecto angélico) e a potência cognoscitiva eminentemente humana (intelecto humano), cujo ato não depende diretamente de um órgão corporal, mas faz parte do homem como potência da alma, que é forma do corpo. A função do intelecto do homem é “[...] conhecer a forma que existe individualizada em uma matéria corporal, mas não essa forma enquanto está em tal matéria. Ora, conhecer dessa maneira, é abstrair a forma da matéria individual, que as representações imaginárias significam” (TOMÁS DE AQUINO, 2015: 523). Portanto, segundo o teólogo dominicano, nós podemos conhecer as formas das coisas materiais abstraindo-as das representações imaginárias – que, reiteramos, são formadas pelos sentidos internos – e é mediante esse conhecimento das coisas materiais que podemos chegar ao conhecimento das coisas imateriais – como as noções de ser, bem, justiça, liberdade etc.

A resposta dada por Tomás de Aquino à terceira objeção do Artigo 1 é importante para compreendermos o processo de abstração das espécies inteligíveis das representações imaginárias. Segundo o autor, “[...] pela ação do intelecto agente, voltando-se para as representações imaginárias, se produz certa semelhança no intelecto possível; essa semelhança é representativa das coisas de que se têm representações imaginárias, somente quanto à natureza específica” (TOMÁS DE AQUINO, 2015: 525), isto é, o intelecto agente é a potência responsável por produzir no intelecto possível uma “semelhança” da coisa sobre a qual se tem uma representação imaginária. Assim, a passagem do conhecimento produzido pelas potências sensitivas para o conhecimento produzido pelas potências intelectivas se dá pela mediação do intelecto agente, que trabalha a partir das representações imaginárias formadas pelos sentidos internos que, por sua vez, são providos de espécies sensitivas pela ação dos sentidos externos. Nessa perspectiva, o desenvolvimento cognitivo do homem teria início com suas relações com a natureza e os outros homens, tendo seu o intelecto atualizado pela descoberta e pelo ensino¹⁴ - o que é corroborado no Artigo 3 desta Questão 85 (cf. TOMÁS DE AQUINO, 2015: 530-532).

¹⁴ Nas *Questões Disputadas Sobre a Verdade*, Tomás de Aquino se dedicou a discutir com seus estudantes o problema do ensino. Na Questão 9, o teólogo dominicano questiona, dentre outras coisas, se o homem, ou somente Deus, pode ser chamado mestre (2004: 23-38). Na solução do Artigo 1, ele responde que o homem pode ser chamado mestre e que existem dois caminhos para se chegar ao conhecimento em ato: a descoberta e o ensino. Pela descoberta, chega-se ao conhecimento em ato a partir da aplicação de princípios gerais evidentes sobre determinado assunto desconhecido, chegando a conclusões particulares que podem levar a outras descobertas e assim por diante. Pelo ensino, chega-se ao conhecimento em ato a partir da ação de uma pessoa que tem o conhecimento em ato e que, por isso, é capaz de mostrar, por meio de sinais externos, como se chegar à aprendizagem. Diante do exposto, poderíamos dizer que, antes da Psicologia





A partir desses primeiros esclarecimentos a respeito do processo de abstração das espécies intelectivas, Tomás de Aquino avança na discussão e questiona, no segundo Artigo, se essas espécies intelectivas são o real que nós propriamente conhecemos, ou se elas são elementos por meio dos quais conhecemos o real. Segundo o teólogo dominicano, o que conhecemos é o real do qual a espécie inteligível é “semelhança”. Com efeito, para o autor, a espécie inteligível funciona como princípio a partir do qual o pensamento considera o real, tornando-o apreensível, assimilável (cf. TOMÁS DE AQUINO, 2015: 527-529). O processo de conhecimento terminaria e ganharia expressão com a produção ativa de um conceito por parte do sujeito cognoscente que seria uma cópia “verbal” – um “verbo mental” – da espécie inteligível – conceito que, assim como a espécie de que é cópia, não passaria de um instrumento mediador do pensamento (cf. TOMÁS DE AQUINO, 2015: 529-530).

O Artigo 3 é particularmente importante para o objetivo desse estudo, pois esclarece um dos aspectos centrais da Filosofia da Educação de Tomás de Aquino. Nele, o autor questiona se o universal é anterior ao particular na ordem do conhecimento humano. A noção de “universal” aqui tem a ver com a lógica da existência: quanto mais próximo da materialidade, menos universal; quanto mais distante da materialidade, mais universal. Assim, a noção de “Sócrates” é menos universal que a noção de “homem” e a primeira está contida na segunda. O que Tomás de Aquino indaga é o que vem antes na ordem do conhecimento: “Sócrates” ou “homem”.

Na conclusão do Artigo, o teólogo dominicano afirma que há duas coisas a serem consideradas quanto ao problema da ordem do conhecimento. Em primeiro lugar, o conhecimento intelectual provém do conhecimento sensível. Uma vez que o conhecimento sensível tem o singular como objeto e que o conhecimento intelectual tem o universal como objeto, seria necessário que o singular fosse anterior ao universal no conhecimento humano. Em segundo lugar, nós conhecemos indo da potência ao ato. Isso significa que a meta do processo de conhecimento é ir de um saber imperfeito e desordenado para um saber perfeito e ordenado a respeito do real. Esse movimento, de acordo com o texto tomasiano, é realizado por aproximação, partindo de algo mais geral e confuso até chegar a algo mais específico e preciso, o que ocorre tanto no conhecimento sensitivo, quanto no conhecimento intelectual. A conclusão de Tomás de Aquino é que

[...] o conhecimento do singular é com relação a nós anterior ao conhecimento do universal, como o conhecimento sensível o é ao

Histórico-Cultural e em um contexto completamente distinto, Tomás de Aquino defende a tese de que a aprendizagem antecede o desenvolvimento.





conhecimento intelectual. Mas, tanto no sentido como no intelecto, o conhecimento de um objeto mais geral é anterior ao conhecimento de um menos geral. (TOMÁS DE AQUINO, 2015: 532).

Após discutir a relação entre a apreensão das espécies inteligíveis e o tempo, destacando que o intelecto humano processa tais espécies uma a uma e não várias ao mesmo tempo (cf. TOMÁS DE AQUINO, 2015: 534-536), o mestre de Aquino discute, no Artigo 5, as formas pelas quais nos aproximamos intelectualmente do objeto de conhecimento. Segundo ele, nós conhecemos as coisas por “composição” e “divisão”, de modo que o caminho para um conhecimento considerado perfeito, profundo, sobre um determinado objeto é gradual e não imediato. Essa concepção, de certa forma, complementa o que foi discutido no Artigo 3, pois demonstra que nos aproximamos do objeto a ser conhecido por meio da composição e da divisão. Nessa perspectiva, uma determinada realidade material pode ser intelectualmente composta, se desagregada, ou dividida, se agregada, para que possa ser apreendida, visto que o intelecto aprende primeiro um aspecto dessa realidade, depois outro, um outra na sequência e assim por diante. A passagem de uma composição para outra ou de uma divisão para outra é designada pelo autor de “raciocínio” (cf. TOMÁS DE AQUINO, 2015: 537-538).

Aliás, é justamente essa maneira de nos apropriarmos do real que torna o intelecto humano passível de erro, segundo Tomás de Aquino. No Artigo 6, o teólogo dominicano discute se o intelecto pode errar. Em sua resposta, ele afirma que o intelecto não erra no que diz respeito a seu objeto próprio, que é a quiddidade das coisas, mas pode errar acidentalmente na apreensão da quiddidade das coisas compostas. No processo de aproximação intelectual do objeto cognoscível, realizado por composição e/ou divisão, é possível que nos equivoquemos (cf. TOMÁS DE AQUINO, 2015: 539-540).

Entendemos que essa discussão sobre a natureza defectível do intelecto humano no processo de conhecimento do real, bem como todo o debate que a antecede e culmina nela, remete à concepção de ensino de Tomás de Aquino, expressa na Questão 9 das *Questões Disputadas Sobre a Verdade* (TOMÁS DE AQUINO, 2004: 23-62). Nós já chamamos a atenção do leitor para o conteúdo dessa Questão na nota de número 10. Ao afirmar que, no processo de ensino, o mestre deve ter o conhecimento em ato para poder ensinar, o autor evidencia um dos elementos indispensáveis para uma educação de qualidade: ninguém pode ensinar o que não sabe. Dado que o intelecto é passível de falha na apreensão do real, caberia ao mestre, conhecedor em ato, mediar a relação dos estudantes com o objeto cognoscível visando prevenir eventuais falhas que podem gerar uma aprendizagem prejudicada.





O que conhecemos nas coisas materiais, segundo Tomás de Aquino

Na Questão 86, Tomás de Aquino discute o que o intelecto conhece nas realidades materiais. Ele questiona se o intelecto conhece, nessas realidades, os singulares, as coisas infinitas, o contingente e o futuro em quatro Artigos.

As conclusões a que o teólogo chega na Questão 86 a respeito dos singulares – Artigo 1 – e dos contingentes – Artigo 3 – são, fundamentalmente, que o intelecto humano os conhece indiretamente, enquanto são elementos sobre os quais se inclinam os sentidos e dos quais produz representações imaginárias. Com efeito, verificamos nas Questões 84 e 85 que o intelecto apreende as espécies inteligíveis a partir das representações imaginárias, atingindo o conhecimento da forma das coisas materiais, que é universal e necessário. Entretanto, como seria impossível ao intelecto chegar ao seu objeto próprio sem as representações imaginárias, ocorre que o singular e o contingente, marcas da matéria que é elemento de individuação, acabam por serem conhecidos de maneira indireta, como podemos observar nos excertos abaixo:

Mas, indiretamente, e por uma espécie de reflexão, o intelecto pode conhecer o singular. Como foi dito acima, mesmo depois de ter abstraído as espécies inteligíveis, não pode fazer uso delas sem se voltar para as representações imaginárias nas quais conhece as espécies inteligíveis. Assim pois, conhece diretamente o universal por meio da espécie inteligível, e indiretamente os singulares de onde provêm as representações imaginárias. (TOMÁS DE AQUINO, 2015: 545, grifo nosso).

Dissemo-lo mais acima: o intelecto tem uma relação natural e direta com o universal; o sentido, com o singular, embora o intelecto atinja também esse último indiretamente. Em consequência, as coisas contingentes, como tais, são conhecidas diretamente pelo sentido, indiretamente pelo intelecto. (TOMÁS DE AQUINO, 2015: 549, grifo nosso).

As respostas do teólogo dominicano sintetizadas acima remetem a uma problemática fundamental de sua Filosofia da Educação. Embora o intelecto se constitua como uma potência da alma com características e objeto próprio, não se pode pensar, no bojo da teoria tomasiana do conhecimento, que seu funcionamento seja autônomo em relação ao composto do qual faz parte. A aprendizagem, nessa perspectiva, é uma ação empreendida pelo homem em sua totalidade, desde os sentidos corporais externos, até o processo de abstração. Além disso, tendo o singular e o contingente como pontos de





partida, a aprendizagem se amplia com a expansão dos horizontes do sujeito cognoscente, isto é, uma experiência sociocultural e ambiental limitada e empobrecida impõe limites decisivos à sua aprendizagem, por conseguinte, ao seu desenvolvimento psicológico e cognitivo.

Em relação ao infinito, Tomás de Aquino apresenta uma discussão que também toca na questão educacional. Segundo ele, o infinito considerado no universo das coisas materiais é, sempre, potencial. As coisas materiais são, por natureza, finitas. Todavia, pode-se considerar o infinito nas coisas materiais na medida em que uma coisa pode estar relacionada à outra – considerando que há uma determinada ordem nesse universo das coisas materiais, de modo que os elementos que o compõem se relacionam de alguma maneira. Assim, o autor afirma que “Por conseguinte encontramos em nosso intelecto um infinito em potência, enquanto considera um objeto depois de um outro. Pois nosso intelecto não conhece jamais tantas coisas que não possa conhecer outras mais” (TOMÁS DE AQUINO, 2015: 547).

Entendemos que seja possível relacionar essa discussão à concepção de que o intelecto, como potência da alma, ainda que seja atualizado pela apreensão das espécies inteligíveis, permanece em potência, isto é, sem sofrer uma alteração em sua estrutura fundamental conforme a espécie apreendida. Esse debate está presente na **Suma Teológica** (TOMÁS DE AQUINO, 2016: 317-319) e, também, em outras obras de Tomás de Aquino, como a **Suma Contra os Gentios** (TOMÁS DE AQUINO, 2015a: 154-155) e **A Unidade do Intelecto Contra os Averroístas** (TOMÁS DE AQUINO, 1999: 65), e fundamenta outro princípio de sua Filosofia da Educação, o de que o intelecto humano tem uma plasticidade essencial, do nascimento à morte. Portanto, seria possível aprender sempre, consideradas as circunstâncias do composto humano, dado que o envelhecimento do corpo influencia a já mencionada complexa arquitetura da alma.

Enfim, no que diz respeito ao conhecimento do futuro, Tomás de Aquino retoma o que afirmou sobre o contingente e afirma que as coisas futuras podem ser conhecidas “por reflexão”, isto é, enquanto estão relacionadas a algo necessário, por estarem sujeitas ao tempo. O que há de importante nas considerações do autor sobre esse assunto é a distinção que ele estabelece entre conhecer as coisas futuras em si mesmas ou em suas causas. Em si mesmas, as coisas futuras só podem ser conhecidas por Deus, cuja ciência é eterna. Em suas causas, as coisas futuras podem ser conhecidas pelos homens. Quando há uma relação necessária entre as causas e as coisas futuras, pode-se ter certeza a respeito do que vai acontecer. Quando essa relação não é necessária, nosso conhecimento das coisas futuras pode ser mais ou menos corretas. Esse conhecimento das coisas futuras





pelas suas causas seria um dos princípios da prudência, uma das principais virtudes humanas segundo Tomás de Aquino (2016a: 314-366). Como a relação entre as coisas futuras e suas causas não é evidente, mesmo quando necessária, ela precisa ser ensinada e aprendida. Ensinar e aprender a identificar as relações entre coisas futuras e suas causas é, nesse sentido, ensinar e aprender a ser prudente.

Considerações finais

Nossas considerações finais destacam alguns aspectos da análise que fizemos da fonte. Não tivemos, com esse estudo, a intenção de esgotar a discussão sobre as concepções tomasianas de conhecimento e de educação, nem tampouco o objetivo de buscar no passado soluções prontas para os problemas do presente. Nós procuramos, com a leitura e a análise das Questões 84, 85 e 86 da Primeira Parte da **Suma Teológica** de Tomás de Aquino, explicar como o teólogo dominicano e mestre universitário italiano do século XIII entendia o processo de conhecimento intelectual das coisas materiais, esperando, com isso, extrair lições que pudessem ser importantes para os homens do presente.

O primeiro aspecto de nossa análise que gostaríamos de destacar é o caráter didático-pedagógico da fonte que estudamos. Em que pese sua importância como obra teológica e filosófica, a **Suma Teológica** foi escrita para estudantes de Teologia, com a manifesta finalidade de fornecer a eles uma síntese ordenada dos conteúdos dessa ciência. A intenção primeira da obra é, portanto, instruir os estudantes que estavam em formação para se tornarem mestres. Essa constatação indica que, como obra didático-pedagógica, ela também assume um papel de instrumento para a formação magistral, o que chamamos hoje de formação docente.

Dentre os conteúdos que os estudantes de Teologia do mestre de Aquino deveriam aprender está o processo de conhecimento intelectual das coisas materiais, discutido nas Questões que nos serviram de fonte. Ressaltamos que essas Questões se localizam num tratado sobre o homem, no qual se discute como ele conhece o real, as coisas materiais, a própria alma e as coisas que estão acima dele na hierarquia dos seres existentes. Com efeito, apropriar-se de conteúdos de ordem gnosiológica e psicológica parecia ser importante para formar futuros mestres em Teologia, que assumiriam a função de educar as pessoas segundo os preceitos e valores inerentes ao projeto de sociedade da Cristandade ocidental, seja como mestres universitários, seja como pregadores do clero regular ou secular.





O conteúdo específico acerca do conhecimento intelectual das coisas materiais apresenta traços fundamentais da Filosofia da Educação tomasiana, cuja potência explicativa e reflexiva transcende o tempo em que foi desenvolvido. O primeiro deles é que, para Tomás de Aquino, nós chegamos ao conhecimento intelectual das coisas materiais por meio das representações imaginárias, oriundas dos sentidos internos que, por sua vez, são alimentados pelos dados vindos dos sentidos externos. O intelecto, como potência intelectual da alma, tem a espécie inteligível como objeto próprio, que só pode ser acessada mediante a abstração, ato do intelecto pelo qual ele extrai das representações imaginárias as espécies inteligíveis. Assim, a aprendizagem se caracteriza como uma trajetória que começa com a empiria que é processada pela complexa arquitetura da alma humana, até chegar ao conhecimento das formas das coisas, o que representa o ápice do conhecimento humano. Portanto, para o autor, o homem aprende com a totalidade do ser.

O segundo traço da Filosofia da Educação tomasiana e que destacamos do nosso estudo é a antecedência da aprendizagem em relação ao desenvolvimento cognitivo. Ao afirmar que o intelecto só pode chegar ao conhecimento das formas das coisas materiais a partir das representações imaginárias, Tomás de Aquino defende a posição de que o desenvolvimento cognitivo é deflagrado pela apreensão da experiência, que passa pelos processos característicos dos sentidos internos para, depois, servir de base para o ato do intelecto. Nessa perspectiva, uma experiência sociocultural limitada prejudica a formação do sujeito cognoscente.

Por fim, o terceiro traço da Filosofia da Educação tomasiana que gostaríamos de destacar é a defesa feita pelo teólogo dominicano da plasticidade essencial do intelecto, tese que ele busca em Aristóteles. Para Tomás de Aquino, o intelecto, ao apreender as espécies inteligíveis que significam as formas das coisas materiais, não sofre uma mudança estrutural, mantendo-se permanentemente em potência. Com isso, entende-se que estamos, do nascimento à morte, em condições intelectuais de aprender, embora não se possa dizer que todos os indivíduos da espécie humana estejam em condições iguais de aprendizagem, visto que a aprendizagem, como verificamos na leitura da fonte, é um processo multifacetado, que envolve a totalidade do homem.

Referências

BLOCH, M. L. B. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BOEHNER, P.; GILSON, E. **História da filosofia cristã**. Petrópolis: Vozes, 2007.





BRAUDEL, F. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CUCCIA, E. J.; MUÑOZ, C. La abstracción em Tomás de Aquino: uma via más allá de la epistemología tomista. **ARETÉ Revista de Filosofia**. v. XXX, n. 2, 2018, p. 245-269.

FEBVRE, L. **Combates pela história**. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

GILSON, E. **A filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LE GOFF, J. **Os Intelectuais na Idade Média**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

LIBERA, A. **A filosofia medieval**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

NUNES, R. A. da C. **História da Educação na Idade Média**. Campinas: Kírion, 2018.

OLIVEIRA, T. **Escolástica**. Editora Mandruvá: São Paulo; Universidade do Porto: Porto, 2005.

OLIVEIRA, T. A importância da leitura de escritos tomasianos para a formação docente. **Notandum**, São Paulo, ano XII, n. 21, set./dez., 2009.

SANGUINETI, J. J. La especie cognitiva en Tomás de Aquino. **Tópicos**, n. 40, 2011, p. 63-103.

TOMÁS DE AQUINO. **A Unidade do Intelecto contra os Averroístas**. Lisboa: Edições 70, 1999.

TOMÁS DE AQUINO. Sobre o ensino (De Magistro). In: TOMÁS DE AQUINO. **Sobre o ensino (De Magistro), os sete pecados capitais**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 23-62.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. São Paulo: Edições Loyola, 2015. v. II.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. São Paulo: Edições Loyola, 2015a. v. I.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. São Paulo: Edições Loyola, 2016. v. I.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teol**



SANTIN, Rafael Henrique; BASSANI, Gisele Angelina. Representação, pensamento e educação na Suma teológica de Tomás de Aquino: o processo de conhecimento intelectual das coisas materiais.

Revista Medievalis, v.10, n.2, p. 57-76, 2021

